

Ana Sofia de Almeida Coutinho

## Imagens de França do Século XVIII através da Colecção Cartográfica do Visconde de Balsemão

### R E S U M O

*Encontra-se conservado na Biblioteca Pública Municipal do Porto, um conjunto de representações cartográficas de França datadas do século XVIII. Esta colecção que terá em parte pertencido ao Visconde de Balsemão foi objecto de um levantamento em 2002. A identificação dos aspectos técnicos e históricos deste conjunto cartográfico e a sua leitura geográfica tiveram um objectivo duplo: revelar a imagem do território francês dada através destes mapas e atlas assim como entender o propósito da sua aquisição naquela época.*

### Introdução

A procura de representações cartográficas antigas de França nos arquivos da Biblioteca Pública Municipal do Porto levou-nos à descoberta de um conjunto de atlas e mapas datados do século XVIII em que se encontra figurado o território francês em várias escalas. Apesar da proveniência destas cartas antigas ser incerta, supõe-se que alguns mapas terão vindo do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra e de outras instituições enquanto que a maior parte terá certamente pertencido ao primeiro Visconde de Balsemão.

De facto, Luís Pinto de Sousa Coutinho, 1º Visconde de Balsemão (1735-1804) terá tido um forte interesse pelos mapas ao longo da sua carreira política. Governador e capitão-geral de Cuiabá e Mato Grosso de 1769 a 1772 sob o governo do Marquês de Pombal, Luís Pinto de Sousa Coutinho foi a seguir nomeado, Ministro Plenipotenciário para a Inglaterra em 1774. Aquando da remodelação ministerial de 1788 resultante da subida ao trono de D. Maria I, tomou o cargo de Ministro dos Negócios Estrangeiros, vindo assim a exercê-lo durante o período difícil da Revolução Francesa. Em 1801, tornou-se Ministro do Reino sendo agraciado com o título de Visconde de Balsemão. O exercício das suas funções diplomáticas levou-o a tratar de assuntos ligados às relações externas com diversas potências - Espanha, França e Inglaterra – com o principal objectivo de manter a neutralidade de Portugal e os seus interesses ultramarinos. À imagem do Marquês de Pombal, Luís Pinto de Sousa procurava na medida do possível controlar os vários laços de dependência para com os países terceiros, não contendo no entanto uma certa simpatia pela Inglaterra. Mais ainda, Portugal opunha-se à política de expansão colonial levada a cabo pelos Franceses, confirmada pela tomada de Cabinda por Marigny em 1784. Enquanto Ministro dos Negócios Estrangeiros, o Visconde de Balsemão debruçou-se sobre os acontecimentos políticos que decorriam na época em França, em particular os conflitos internos e externos decorrentes da Revolução Francesa. Com efeito, “qualquer dissidência interna da França era vista como um enfraquecimento dos projectos coloniais que aquele país alimentava em relação a alguns territórios portugueses”<sup>1</sup> tal como era o caso da definição dos limites fronteiriços da Guiana com o Brasil. O interesse do Visconde de Balsemão pelo decorrer dos acontecimentos da vida política francesa é visível na correspondência que mantinha com Vicente Sousa Coutinho, embaixador português em Paris. Podemos pressupor que o Visconde de Balsemão terá encomendado mapas do território francês ao embaixador para localizar e enquadrar no espaço as dissidências internas e os conflitos fronteiriços ligados à Revolução Francesa

<sup>1</sup> BORALHO, 1999, p. 293

e mais tarde, à expansão do Império Napoleónico. A parte final da carreira do Visconde de Balsemão foi marcada pela ilusória vitória da chamada “Guerra das Laranjas” em que a sua intervenção face ao avanço das forças armadas franco-espanholas fora essencial. Assinatura do tratado de paz de 6 de Junho de 1801 obrigou Portugal a pagar à França indemnizações e a aceitar a imposição pelos Franceses dos novos limites da Guiana fixados no rio Carapanatuba, afluente do Amazonas. A preocupação do Visconde de Balsemão ficaria como tal infelizmente confirmada e justificada.

Entendido o contexto no qual maior parte destes mapas antigos terão sido adquiridos, procedeu-se à sua inventariação através da elaboração de fichas descritivas para cada um dos 29 mapas e atlas. Com base nas regras de descrição de mapas enquanto documento gráfico, foram anotadas sempre na medida do possível as seguintes características: o título, o nome do autor e/ou do gravador, a escala, o local e a data de edição, se impresso ou manuscrito, a preto e branco, com traçados coloridos, as dimensões e as escalas gráficas. Foi igualmente assinalado se neles estavam incluídos mapas de pormenor, de enquadramento e plantas bem como outras indicações essenciais para o estudo das próprias cartas. A partir da informação contida nestas fichas, foram primeiro abordadas as características ditas “técnicas”, próprias a cada um dos mapas: se impressos ou manuscritos, se avulsos ou insertos em obras, as suas dimensões, a sua natureza ( militar, administrativa...) e os seus elementos (título e escala). A seguir, sempre com base na informação contida nas fichas, foram analisadas as dimensões históricas subjacentes a estes mapas antigos: a sua abrangência cronológica, o seu local de publicação, os seus autores tal como o seu propósito, nomeadamente revelado através das dedicatórias. A questão acerca de para quê e para quem foi feito o mapa é importante na medida em que as finalidades interferem na feitura bem como na divulgação e na leitura dos mapas. Por fim, procedeu-se à leitura geográfica deste núcleo de mapas antigos, consistindo por um lado, na identificação das áreas em diversas escalas e por outro lado, na representação da abrangência territorial de algumas cartas regionais através da sua localização num mapa de base actual de França.

## 1. Características técnicas

### 1.1 Atlas e mapas impressos

Os mapas inventariados são todos eles impressos, não havendo nenhum manuscrito. Trata-se de uma característica importante deste núcleo cartográfico tendo em conta a sua datação. No século XVIII, circulavam obras e mapas manuscritos a par dos impressos, sendo estes mais valiosos devido ao processo de impressão ser mais dispendioso. Estas cartas encontram-se na sua maioria, avulsas embora haja indícios de que tenham sido outrora inseridas em obras.

No entanto, diversos mapas ainda fazem parte de atlas: *First Map of France* e *Second Map of France*, reunidos no volume *An Elementary and Methodical Atlas...*; um atlas sem título provavelmente holandês em que constam dois outros mapas, *Nieuwe Generale Wassende paskaart...* e *Nieuwe Paskaart Van de Gehee...*; dois mapas corográficos de Sardenha e Génova que respectivamente em 12 e 8 folhas constituem um só álbum cartográfico e por fim, um atlas de Paris que apresenta a capital em 20 folhas. Os atlas representavam no século XVIII, obras luxuosas procuradas nem só pelos adornos como as iluminuras, as encadernações e as páginas douradas, como pelo facto de permitirem um olhar tanto sobre a totalidade do espaço cartografado bem como sobre os diversos pormenores oferecidos em imagens de maior escala. Assim, face a um público com interesses intelectuais e “enciclopédicos”, os editores de atlas concebiam obras cada vez mais importantes, acumulando as folhas e multiplicando os volumes. A venda de um atlas acabava por ser mais proveitosa do que a venda de mapas avulsos sendo que poucos clientes adquiririam um número elevado de cartas de uma só vez se estas não fossem reunidas sob forma de atlas.

Embora originalmente impressos a preto e branco, estes mapas possuem na sua maioria traçados coloridos, tendo sido aguarelados certos limites e áreas com a finalidade de tornar mais fácil a leitura do mapa, usando então a cor como variável de separação. Trata-se de uma forma simples de interpretar o espaço cartografado realçando os fenómenos que mais importavam. Foram assim seleccionados e pintados a vermelho ou a rosa os principais núcleos de povoamento, e em tons rosados, amarelos, azuis e verdes as divisões, as vias de comunicação e as superfícies de territórios.

## 1.2 Dimensões dos mapas

Quanto às dimensões, os mapas que apresentam menor mancha gráfica são: *Théâtre de la Guerre en Italie...* com 24,8 x 33,8 cm em folha de 35x51 cm e [*Isle de Ré.*] em que cada uma das duas janelas tem por altura 18,4 cm e por largura 32,2 cm. *Post Charte der Kaiserl...* e *...hollandaise ou Première Carte de la Meuse...* constituem as maiores cartas sendo respectivamente de 100,4x150,6 cm e de 96,4x139,8 cm. Porém se considerarmos os mapas inseridos em obras, uma vez as suas folhas postas juntas, a planta de Paris acaba por ser a representação cartográfica de maior dimensão com 2,50 por 3,20 metros.

É de salientar que os próprios mapas contêm no seu interior, nos cantos geralmente, mapas de enquadramento, como na  *Première carte de la Meuse ...*, de localização em relação a determinada área como na carta *Le Gouvernement de Champagne...*, ou mapas de pormenor como em *Gallia Antigua...* e plantas de cidades representadas nas cartas, Brest no mapa *Tabula Ducatus Britanniae Gallis...* e em *La Partie Méridionale des Etats du Duc de Savoye...*, Vercueil, Verrue e Turim.

## 1.3 Tipos de cartas

A natureza dos mapas desta colecção foi definida tendo em conta os fenómenos representados. Constan deste núcleo, 4 mapas de natureza militar de variadas escalas, desde local e pormenorizada até à regional. Trata-se de mapas que geralmente retratam a área geográfica dos campos de batalha como no caso de *Carte Generale du Théâtre de la Guerre en Italie...*, onde são representados fortes; *...hollandaise ou Première Carte de la Meuse...* que possui a seguinte indicação: “Théâtre de la Guerre en Flandre et Barbant, les pays conquis et le Bas-Rhin” e a *Carte des Alpes ...* que contextualiza na sua dimensão espacial a invasão de Aníbal. São característicos destes mapas de guerra produzidos sob o Antigo Regime, os seus elementos decorativos e figurativos em que se destaca geralmente em primeiro plano o nome do soberano ou do chefe vitorioso. Por sua vez, *Plan of the coast of Cherbourg* é um exemplo de cartografia praticada pela engenharia militar. Nesta planta publicada em Inglaterra, são cartografadas com grande detalhe as obras de defesa da costa realizadas pelos Franceses nesta cidade situada ao longo do canal da Manche frente ao litoral britânico. Um corte acompanha esta planta sendo no título mencionado, “with a sketch of the works which the French are now executing to inclose and defend the road”.

Podemos considerar a *Carte des Alpes...* como sendo igualmente um mapa de carácter histórico, juntamente com *Gallia Antigua*, por estes dois mapas terem como objectivo de reconstituir espaços onde decorreram acontecimentos passados, a saber: a invasão do Aníbal nos Alpes e o território Francês enquanto província romana.

*Post Charte der Kaiserl* possui uma iconografia que explicita de antemão a sua natureza: trata-se de um mapa de correios da Europa central. A representação das vias de comunicação é aqui privilegiada sendo também representados o povoamento, o relevo e a hidrografia. Toda esta informação é figurada para a Alemanha e os seus territórios adjacentes tal como a parte oriental da França.

No entanto, a maioria dos mapas inventariados destacam-se por representarem essencialmente os limites internos e externos do território Francês. Assim, temos a divisão da França em *départements* em três mapas: *Le Royaume de France en 83 départements...*, *A New Map of France divided into 83 Departments...* e *Carte de la France divisée en ses 83 départements...* Trata-se de uma imagem cartográfica da França revolucionária, dividida em *départements*, que se opõe à multiplicidade existente de mapas das instâncias administrativas e religiosas do Antigo Regime. Nessa época, a França era considerada como um conjunto de *provinces*, reunidas sob a autoridade do monarca. Esta divisão aparece cartografada à escala nacional no conjunto cartográfico: *Le Royaume de France divisé par gouvernements militaires...* onde para além da representação das províncias e dos governos militares, também são figurados os limites fronteiriços com os países vizinhos e diversos fenómenos geográficos: vias de comunicação, cursos de água, florestas... À escala regional, seis mapas se destacam pela divisão territorial complexa que neles é figurada: *Le Comté et Gouvernement de Provence, avec les terres adjacentes, divisé en Dioceses ou sene chaussées et en vigueuries*, *Lotharingiae tabula generalis in qual Ducatus Lotharingiae et Barri nee non Metensis, Tullensis et verdu nensis Episcopatus com insertis Finctimis Ditionibus...*, *Le Gouvernement de Champagne ie Praefectura Generalis Campaniae in electiones suas divisa...*, *Le Gouvernement General de Bretagne, in suas novem Episcopatus omnes Turonensi Aurel, Archi. Epº Subjectus divisa, L'Alsace divisée en ses principales parties sçavoir les Landgraviats de la Haute et Basse Alsace et le sunigaw* e por fim, *La Principauté et le Comté de Roussillon*. Os dois mapas de França

do atlas inglês de John Palairret também dão conta da complexidade do sistema de soberania do Antigo Regime no território francês.

A delimitação territorial destaca-se nos títulos dos mapas, reveladores do poder central ou de particularismos regionais. Visto já anteriormente com os mapas do reino de França e das províncias, também verifica-se o mesmo relativamente aos mapas de territórios que foram outrora anexados ou alvos de invasões por parte da coroa francesa: *Las Flandes y la Holanda divididas en sus principales provincias...*; *La Partie Méridionale des Etats du Duc de Savoie...*; *Carta que contiene parte de Conflan, las dos Cerdanias, capsis, valle de carol, Donezan, pais de Sault, una porcion del Condado de Foix, y Fronteras de España* e a *Carta que comprehende la tierra llana del Roselon, el valle de Espira, Conflan y frontera de Cataluña*.

Dentro dos mapas identificados, alguns possuem informação de carácter náutico sendo mencionadas nas áreas costeiras as distâncias marinhas, a batimetria... Trata-se do mapa [*Isle de Ré, Isle d' Oleron*], e dos dois mapas do atlas holandês *Nieuwe Paskaart Van de Geheele Canaal Tusschen Engeland en Vrankryk* e *Nieuwe Generale Wässende Paskaart van de Bogt van Vrankryk* onde se encontram cartografados respectivamente o Canal da Mancha e o Golfo de Biscaia.

Por fim, destaca-se pela sua particularidade o *Plan de Paris*, considerado o mais pormenorizado e mais preciso das plantas “à vol d’ oiseau” de Paris. A perspectiva e o ângulo de vista escolhidos põem ao alcance da vista do leitor detalhes tais como a altura das casas, a fachada dos prédios... As 20 folhas dão-nos a conhecer a organização espacial da cidade-capital ao revelar o traçado das ruas e das estradas, a localização precisa das pontes e dos prédios bem como a configuração dos jardins e dos campos, sendo igualmente mencionada toda a toponímia dos arruamentos. Importa sublinhar que este atlas apresenta igualmente um mapa reduzido de todas as folhas para facilitar a procura e a localização de uma determinada área ou ponto da capital.

Embora a representação de mapas de natureza militar não possa ser negligenciada neste núcleo cartográfico, acabam por predominar cartas que têm principalmente por objecto as divisões administrativas e as fronteiras de França. Esta dualidade encontrada na natureza destes mapas antigos reflecte a existência de duas escolas cartográficas que se desenvolveram em França no século XVIII: uma fundada pelos científicos cuja Carta de Cassini é a sua melhor realização e outra colocada ao serviço exclusivo do exército, autor no entanto de obras cartográficas com objectivos civis. Embora, estivessem em concorrência naquela época, revelaram serem complementares na sua contribuição à cartografia: a primeira escola dita “científica” pelo rigor da triangulação no posicionamento dos pontos do mapa de França e a segunda escola “militar” pelo fomento de levantamentos precisos. Os engenheiros civis de Cassini e os geógrafos militares opuseram-se na questão da representação e da divulgação de áreas estratégicas do território: em que medida era permitido divulgar junto do público, quer francês, quer estrangeiro, a cartografia de regiões ditas “sensíveis”? Para manter o princípio do sigilo, a difusão de mapas militares foi obviamente controlada de forma restrita. Assim sendo, no caso da figuração das áreas fronteiriças de França no século XVIII, prevaleceu a difusão de cartografia civil e não militar, guardiã dos pormenores topográficos. Razão pela qual este núcleo de mapas, cuja parte foi adquirida pelo Visconde de Balsemão, é constituído por tão poucos mapas militares.

#### 1.4 Elementos cartográficos: título e escala

O título como elemento de identificação do documento é de uma certa forma redundante em relação à própria imagem. Se for uma carta de boa qualidade, o título torna-se dispensável... Porém, o mapa como meio de comunicação, tem por objectivo de difundir determinadas informações acerca do território. Qual é então a relação entre os lugares e os fenómenos mencionados no título e o espaço figurado no mapa?

Já a própria escolha do idioma usado no mapa determina de facto quem tem conhecimento e consequentemente autoridade sobre o espaço cartografado, sublinhando o ponto de vista de quem considere o território. No caso dos Países Baixos, este espaço está figurado em dois mapas, um escrito em francês... *hollandaise ou Première carte de la Meuse* e outro em castelhano *Las Flandes y la Holanda...*, dando conta das vicissitudes deste território que esteve sob domínio da coroa Espanhola no século XVII e que sempre foi alvo de invasões por parte da vizinhança França até finalmente cair nas mãos das tropas de Napoleão. Os mapas das províncias de França possuem na sua maioria o seu título escrito na íntegra ou parcialmente em latim: a Lorena, *Lotharingiae...*, a Borgonha...*Burgundiae...*, a Bretanha...*Britanniae (...)* *le Gouvernement General de Bretagne...* A Alsácia e a Provença são excepções sendo os títulos das cartas correspondentes a estas regiões inteiramente escritos em francês. A passagem do Antigo Regime

para o período revolucionário é marcante no próprio título, revelando a nova delimitação administrativa. Os particularismos regionais deixam de predominar face ao aparelho revolucionário centralizador e uniformizador. O clero e a aristocracia ligada nomeadamente ao exército são postos abaixo na Revolução, as dioceses, os governos militares e os condados são então substituídos por uma nova unidade administrativa, os *départements*. O número preciso de *départements*, 83, sempre mencionado no título comprova o desejo do Comité Constitucional em ver a França como um território delimitado de forma precisa para melhor ser governado e administrado e não mais fragmentado nas mãos de privilegiados, como sob o Antigo Regime. A cartografia à escala nacional acaba por revelar não só um espaço geográfico bem como um conceito político.

Se o título faz primeiro menção do território apresentado aos olhos dos leitores, ele indica igualmente como foi elaborado o mapa, nomeadamente qual foi a sua fonte: “fait conforme aux cartes, imprimées et manuscrites, dessinées sur la situation des lieux et conférées avec les itinéraires anciens et modernes”, “dressée sur les observations astronomiques”, “dispuetas segun las mas exactas y correctas observaciones...”. Embora apresentadas com detalhe, estas informações não garantem de facto em nada o carácter fidedigno e exacto dos processos de observação e de levantamento no terreno, dos cálculos nem do desenho dos mapas realizados em gabinete.

Neste núcleo de mapas antigos, surgem tantos títulos extensos como outros muito concisos. Geralmente, os títulos são compridos devido ao facto de não só indicarem a área geográfica, mas igualmente os principais fenómenos figurados no mapa, como assim aparece no título seguinte: *Carte des Alpes entre la mer, et le lac de Genève. Pour faire voir les Douze vallées, et Rivières qui coulent en Piemont et Savoye. Les cinq qui descendent en France, et les communications de ces Deux Etats avec la France et la marche d' Annibal a travers les Alpes depuis son passage du Rhône* ou igualmente na *Carte Generale du théâtre de la Guerre en Italie ou sont marquées toutes les Routes que l'on peut tenir de France, depuis Paris que d' Allemagne, depuis Vienne en Autriche pour allere a Milan, a Venise, a Florence, a Rome, a Naple et autres villes considerables sur ces routes*. Também são identificadas no título as divisões das áreas cartografadas e enumerados os lugares nelas localizados como em *Carta que contiene parte de Conflan, las dos Cardanias, Capsis, valle de Carol, pais de Sault, una porción do Condado de Foix: e fronteras de España* e nos mapas de certas províncias de França, como os de Lorena e da Borgonha. Por fim, outros títulos estendem-se para além da descrição do território, devido às dedicatórias, sendo a Planta de Paris, o melhor exemplo. Outros títulos parecem pelo contrário quase que incipientes: *First Map...* ou *Second Map of France* do Atlas de John Palairt, obra qualificada como sendo de facto metódica e elementar. Estas diferenças assinaladas quanto ao título resultam assim do próprio propósito do mapa.

Outro elemento interessante, a denominação de um mesmo território cartografado varia no título de um mapa para outro. Na carta de autoria francesa da Catalunha e do Rossilhão, estes dois espaços estão claramente divididos, havendo de um lado “la Principauté” e do outro “le Comté”. Ao passo que nos dois mapas espanhóis, é dada através do título uma imagem fragmentada do território francês junto às fronteiras de Catalunha e de Espanha: *Carta que contiene la tierra llana del Roselon, el valle de Espira, Conflan .... e Carta que contiene parte de Conflan, las dos Cerdanias, Capsis, valle de Carol, Donezan, pais de Sault, una porcion del condado de Foix...*. No mapa de Alsácia, apesar de também estar cartografado o território vizinho ocupando quase metade da mancha gráfica, só é feita referência às regiões pertencentes à coroa francesa. A Alsácia é segundo o título unicamente dividida em “ses parties principales sçavoir les landgraviats de la Haute et Basse Alsace et le suntgaw”. O título revela afinal o ponto central do território e não a totalidade do espaço cartografado. A Mosa aparece como o mais importante ao lermos o título, mas afinal são os “pais, duchez et comtez voisins” que predominam graficamente no mapa. Sendo os Franceses autores deste mapa, é óbvio que a Mosa é o elemento estratégico que importa mais destacar e a partir do qual se olha para os lugares vizinhos da Europa do Nordeste. O título possui uma função sócio-política ao difundir informações que embora pareçam neutras através do carácter científico e técnico do próprio mapa, acabam por traduzir uma retórica ligada à autoridade. A informação contida no título não corresponde a um inventário do conteúdo da carta, ela é truncada, descentrada devido aos valores de poder que modela o mapa, e que este acaba por veicular.

Os mapas antigos desta colecção do Visconde de Balsemão possuem todos uma ou várias escalas gráficas: representações das distâncias reais sobre segmentos de recta com gradações em determinadas medidas de comprimento. “Grandes lieues de France ou lieues d' une heure de chemin”, “lieues de France de 20 au Degré”, «lieues communes de France de 25 au Degré», “Leucae Gallica magna fine hor a itineris 20 in Gr», umas das escalas destes mapas por

nós estudados, dão conta da diversidade de medidas francesas existentes na cartografia antiga. Certos mapas por figurarem vários territórios europeus, possuem medidas correspondentes a cada um deles, podendo serem incluídas numa mesma carta medidas alemãs, húngaras, francesas e italianas, como é o caso de *Post Charte der Kaiserl*.

Com base numa tabela de equivalências, foram seleccionadas e convertidas as medidas antigas nos valores usados hoje em dia para obter uma escala numérica em centímetros (com arredondamentos às décimas) para cada mapa. Não foram calculadas as escalas para o Atlas de Paris e os dois mapas corográficos de Sardenha e Génova, como tal excluídos da nossa análise, tornando-se no entanto óbvio que a planta de Paris possui a maior escala dentro deste núcleo de mapas. A escala mais pequena corresponde à *Carte Generale du théâtre de la guerre en Italie* com 1:3 841 414. Os mapas que representam o território francês na sua totalidade, possuem também escalas pequenas que variam desde 1:2 636 709 até 1:2 415 456, tal como *Post Charte der Kaiserl* com 1:1 272 263. A planta da costa de Cherbourg é a que apresenta a maior escala, sendo esta de 1:22 674, seguida dos dois mapas espanhóis da autoria de Tomas Lopez, com 1:79 691 e 1:78 614, oferecendo grande pormenor da fronteira franco-espanhola nos Pirenéus. Surgem por fim escalas de mapas regionais que vão desde 1:638 568 para o mapa da Bretanha e 1:617 283 para a *Carte des Alpes entre la mer et le Lac de Geneve...*, até escalas maiores como 1:141 844 e 1:199 005 respeitantes aos mapas das ilhas de Ré e d'Oleron e da Lorena. Importa aqui relembrar que as escalas gráficas estão directamente ligadas às coordenadas geográficas de latitude e longitude. No entanto, a medida correcta de um arco meridiano em França só foi determinada na primeira metade do século XVIII, época em que se procura alcançar a medida exacta da Terra, com a invenção de novos instrumentos. Isto supõe que os mapas concebidos anteriormente não possuíam uma localização correcta dos lugares, dado que os cálculos da longitude e da latitude não eram precisos e como tal, as escalas gráficas careciam igualmente de exactidão.

## 2. Aspectos históricos

### 2.1 Abrangência cronológica

Dificuldades surgiram na definição da abrangência cronológica das cartas relacionadas com o facto de algumas delas não apresentarem nenhuma data de edição nem o nome do autor, a partir do qual seria possível atribuir uma baliza temporal à feitura do mapa. Por estas razões, não foi possível determinar o período de edição de *Carte des Alpes...*, [*Isle de Ré; d' Oleron*] e *La Partie Meridionale des Etats du Duc de Savoie...*tendo sido provavelmente retiradas de obras às quais pertenciam originalmente. No que diz respeito aos mapas que se encontram unicamente sem indicação de data de edição, foi determinado um período de tempo de publicação com base nas datas de nascimento e de óbito dos autores destes mapas em questão. Importa sublinhar que esta atribuição temporal não é de todo fidedigna na medida em que era prática corrente reeditar mapas após os seus autores já terem falecido.

No seio do núcleo cartográfico em estudo, encontram-se precisamente seis mapas sem data cujo período temporal foi definido a partir do período de vida activa do seu autor. Como tal, a maioria destes mapas deverá ter sido publicada na primeira metade do século XVIII nomeadamente no primeiro quartel, embora outros poderão datar dos finais do século XVII. *Comitatus Burgundiae...*, *Tabula Ducatus Britanniae Gallis...* e *Lotharingiae Tabula...* da autoria de Johann Baptist Homann (1663 a 1724) poderão ter sido editados no período que cavalga os finais do século XVII e inícios do século XVIII tal como poderá ser o caso do mapa de Guillaume de L' Isle (1675-1726), *Le Comté et Gouvernement de Provence.....* Quanto aos mapas de George Matthaus Seutter (1678-1757), *...hollandaise ou Première Carte de la Meuse...* e *Le Gouvernement de Champagne...*, estes datarão de um período mais tardio, a primeira metade do século XVIII.

Quanto aos mapas datados, os seus períodos de edição abrangem todo o século XVIII, sendo o mapa mais antigo datado de 1700: *L'Alsace divisée...*, e o mapa mais recente de 1794, *Carta que contiene parte de Conflan...*. A grande maioria dos mapas (12 dos 14) foram editados na segunda metade do século XVIII nomeadamente entre 1757 e 1765 e em finais do século, entre 1788 e 1794. Por um lado, considerando os episódios históricos europeus, estes dois períodos de tempo correspondem a dois conflitos importantes em que participou Portugal, a Guerra dos Sete Anos e a Revolução Francesa. Por outro lado, estes dois períodos coincidem igualmente com o período de vida activa do Visconde de Balsemão.

A provável utilização dos mapas pelo Visconde de Balsemão permite-nos entender melhor a abrangência cronológica destes mapas antigos. Enquanto ministro dos Negócios Estrangeiros durante o período da Revolução

Francesa, o Visconde de Balsemão recolheu material cartográfico contemporâneo aos acontecimentos políticos que ocorriam na época para apoiar a análise destes mesmos, mas não só. Foram igualmente adquiridos alguns mapas de períodos anteriores em que Portugal fora envolvido em conflitos importantes: a Guerra dos Sete Anos e a guerra de sucessão de Espanha no início do século XVIII. De facto, as questões diplomáticas exigiam o conhecimento das áreas territoriais em períodos anteriores e da evolução dos seus limites através dos sucessivos tratados assinados.

## 2.2 Locais de edição

Dentro do núcleo inventariado, seis mapas encontram-se sem local de edição (*Carte des Alpes...*, *Le Gouvernement de Champagne...* e *La Partie Méridionale des Etats du Duc de Savoye...*, *Las Flandes y La Holanda...*, *Carte de la France divisée en ses 83 départements...*, *Plan of the Coast of Cherbourg...*). Mais uma vez trata-se de cartas que se encontravam na origem insertas em obras em que vinham indicados o local e a data de edição. No entanto, no mapa [Isle de Ré, Isle d' Oleron], ainda foi acrescentado à mão abaixo da legenda o local de edição: “a paris chez le rouge rue des grands augustins”.

O nome da localidade é o mais frequentemente mencionado como local de edição. No mapa *Le Comté et Gouvernement de Provence...* é referido “Chez les Héritiers d'Homann”. Esta indicação por si só bastava sendo por certo este local de edição prestigioso o bastante para a localidade ser facilmente dedutível.

Quase dois terços dos mapas foram produzidos em França, nomeadamente na capital: *Carte Generale du Theatre de la Guerre...*, editado, “Chez J.B.Nolin(...) sur le quay de l' Horloge du Palais à l' Enseigne de la Place des Victoires vers le Pont Neuf”, na carta *L'Alsace divisée...*, com a indicação: «Chez le Sr. Laillot(...) joignant les Grands Augustins aux Deux Globes» ( lugar acima já referido na carte [*Isle de Ré...*] ) e na carta, *La Principauté de Catalogne...*, temos «Chez le Sr. Julivena, l' Hotel de Soubise».

Os restantes mapas do território francês foram impressos no estrangeiro, nos grandes centros de produção cartográfico. Londres, onde foram publicados *A New Map of France...* por John Wallis “at his Map Warehouse, nº 16 Ludgate Street”; os mapas do Atlas de John Palairret, “printed for J.Nourse, in the strand, Bookseller to his Majesty”; e as cartas corográficas de Sardenha e Génova “in Duke's-Court, St Martin's-Lane”. Noremburga, um dos primeiros locais de impressão, através de mapas de províncias todos eles da autoria de Johann Baptist Homann: *Lotharingiae tabula...*, *Comitatus Burgundiae...* e *Tabula Ducatus Britanniae Gallis...* Amsterdão, onde três mapas dentro dos inventariados foram editados: *..hollandaise ou Première carte de la Meuse*, pelos editores J.Covens e C. Mortier e os dois mapas do atlas holandês, editados por Johannes van Keulen “Boek Zeekart Verkoper in Graad-Boog Maker Aan Oost.” Madrid é também local de edição de duas cartas “...que contiene parte de Conflan...” e “...que comprehende la tierra llana del Roselon...”. Mansfield no caso dos mapas de correio *Post Charte der Kaiserl...* e Veneza, na carta *Le Royaume de France divisé par gouvernements militaires...*, onde mais uma vez estão indicados com grande precisão o nome do editor e a morada: “A Venise, par François Santini, rue Ste Justine, près de la ditte église, chez Mr. Remondini”.

## 2.3 Autores

Por se tratar de representações do espaço francês, a maioria dos mapas antigos foram realizados por cartógrafos franceses, que estiveram muito deles ao serviço da coroa francesa enquanto “Geógrafo do rei” como Jean-Baptiste Nolin, Guillaume de l'Isle e Jean-Baptiste d' Anville. No mapa, a referência a este título acompanha o nome dos autores: Sanson e J.B.Nolin são designados como “*Geographe (Ordinaire) du Roy*”; Matthaues Seutter como “*S.C.M. quand Geograph*” e “*Geographe de S.M*”; o editor do mapa *L'Alsace divisée en ses principales parties...*, Sr. Laillot como “*Geographe de sa Majesté*”. Isto remete para uma distinção já afirmada sob o reino de Luís XIII entre geógrafos do rei, cartógrafos que trabalham em gabinete recebendo uma pensão do seu mecenas, o monarca e os antecessores dos actuais engenheiros geográficos designados como *ingénieurs des camps et armées* e *ingénieurs ordinaires du roi* que pertenciam ao exército. O estatuto de *géographe du Roy ou de sa Majesté confirmava a* ligação estreita entre a geografia e o poder monárquico: “Dresser une carte, c'est une sorte de pouvoir sur le territoire représenté”<sup>2</sup>. A carreira de Nicolas Sanson (1600-1667) ao serviço da coroa é reveladora desta relação: introduzido por Richelieu, foi em troca de lições de geografia dadas ao rei Luís, que pôde desenvolver o seu trabalho cartográfico, cujo impacto na história da representação cartográfica das divisões administrativas não é negligenciável.

<sup>2</sup> PELLETIER, 1990, p. 17.

Relativamente aos autores estrangeiros, parte deles também se encontravam ao serviço da monarquia recebendo subsídios para a sua actividade cartográfica. Em Espanha, Tomás Lopez e o seu filho, Juan, eram “*Geografos de S.M.*”, e William Faden, “*Geograph to the King*” e John Palairt, autor do “*elementary and methodical atlas...*” era “*Agent of their Mightiness the Status-Central at the court of Great-Britain.*” Outros autores são referidos como possuindo outras habilitações que os tornavam competentes na área de cartografia como: Abbe Georg Ygnaz Freyherrn, professor de matemática na Universidade de Viena.; D. Juan Manuel Giron del Claustro, “*gremio de la Universidad de Paris y Protho. Notario Apostolico*” e Louis Bretez, que ensinava a perspectiva sobre a qual aliás escreveu um tratado quando lhe-foi pedida a realização da planta de Paris. Johann Baptist Homann, geógrafo e cartógrafo alemão, é o único autor neste núcleo de mapas a não ter o seu nome acompanhado por qualquer referência ao encargo ou às suas funções.

#### 2.4 Propósito dos mapas

Nos mapas antigos inventariados, é frequente ler dedicatórias dirigidas a uma figura importante devido ao seu encargo político, militar ou ao seu título monárquico ou aristocrático. As palavras empregadas elogiam e reconhecem a superioridade da figura a quem é dedicado o mapa. As dedicatórias constituíam um espaço oportuno no mapa para agradecer ou obter a protecção de uma figura ilustre e abastada.

Dentro deste núcleo de cartas antigas do território francês, encontra-se um atlas e um mapa militar concebidos à intenção do Príncipe de Orange e Nassau. O Atlas de John Palairt foi “*originally intended for the use of his serene highness the prince of Orange and Nassau, Stadtholer of the United Provinces.*” e a “*..hollandaise ou Première carte de la Meuse “présentée à son altesse serenissime le Prince d’ Orange et de Nassau. Par ses très humbles serviteurs J. Covens et C. Mortier, libraires à Amsterdam.*». Estes objectos cartográficos foram produzidos a pedido do monarca para afirmar os seus plenos poderes sobre um território cuja autoridade lhe foi recentemente atribuída. Por sua vez, John Palairt e os livreiros J. Covens e C.. Mortier receberam protecção para o exercício do seu ofício, conferindo prestígio aos seus mapas e assegurando de certa forma os seus negócios editoriais. A carta de *La Principauté de Catalogne et le Comté de Roussillon...* foi concebida a pedido do Duque de Noailles, a partir das suas memórias: “*Monseigneur le Maréchal Duc de Noailles Pair de France chevalier des ordres du Roy, Premier Capitaine de ses Gardes, Gouverneur du Roussillon.*”. A carta de *Las Flandes y la Holanda...*, dedicada “*Al M.I.S.D. Pedro de Lujan Marques de Almodovar Señor de vários lugares y Maiordomo de semana de S.M.C.*”, remete para a época em que a coroa espanhola governava os Países Baixos. A célebre planta de Paris foi encomendada por Michel-Etienne Turgot, “*Prevôt des Marchands*”, conselheiro de Paris e por um conjunto de figuras representantes das elites de Paris que detinham um certo poder na capital, estando o poder monárquico centrado em Versalhes. São mencionados na dedicatória os nomes das oito figuras que presidiram à feitura do planta – Michel Etienne Turgot, Henry Millor, Claude Faconnet de Vildé, Claude Augustin Josset e Antoine Moriau, Jean Baptiste Toutbout e Jacques Boucot – tal como os seus respectivos encargos, sendo eles a título de exemplo “*Ecuier procureur et avocat du Roi*”, “*Greffier n chef, chevalier de l’ ordre du roi...*”. A planta ao permitir um conhecimento preciso e detalhado da capital, constituía um instrumento necessário à melhoria da sua administração. Como outro exemplo revelador do propósito subjacente a qualquer mapa, destacam-se os dois mapas de França com a divisão em *départements*, um publicado em Grã-Bretanha e outro em França. Editados aquando da época revolucionária em que as cartas eram consideradas como autênticos bens nacionais, indispensáveis para a administração civil e militar do território, estes mapas correspondem à famosa carta de França de Cassini. Esta última foi confiscada pelo Comité Constitucional, tendo sido modificada ao lhe ser acrescentada a nova delimitação em *départements* e nova dedicatória, dirigida desta vez à Assembleia Nacional. Este processo visava reforçar o controlo do novo governo revolucionário sobre o espaço francês e claramente marcar a ruptura com o Antigo Regime através da divulgação dos novos limites internos de jurisdição.

A análise dos propósitos destes mapas antigos revela-nos que a cartografia civil possuía marcas claras do poder central. As menções “*avec privilège du Roy*”, “*Cum. Priv. Sac. Coes Majest*”, “*Execudit cum Privil. Ord Holland et Westfrisiae*” “*avec privilège du Vicariat du St Empire Romain dans les endroits du Souabe et du Jurisdiction de France*”, “*Met privilege voor 15 jaaren*”, “*published as the Act directs 14<sup>th</sup> May 1787*”, são tantos outros sinais de que a figuração dos espaços através dos mapas era estreitamente controlada pelas autoridades. A imagem dos territórios pertencia-lhes. O domínio territorial passava de facto pelo controlo da informação contida nas cartas. Mais ainda, a difusão destas imagens cartográficas além fronteiras contribuiu à glória dos governantes.

### 3. Leitura geográfica

Depois de descritas as características técnicas e as dimensões históricas destes mapas antigos de França, interessa-nos proceder à sua leitura geográfica ou seja, identificar quais as áreas do território francês que se encontram cartografadas.

À escala nacional, existem oito mapas de França que são contemporâneos do Antigo Regime como *Le Royaume de France divisé par gouvernements militaires dressé sur les observations astronomiques*, ou do período revolucionário, *Le Royaume de France en 83 départements suivant les décrets de 1790*, com excepção de *Gallia Antiqua...*, carta de França enquanto província romana. À escala regional, três mapas cobrem grande parte do território francês. Trata-se de *Post Charta der Kaiserl*, em que é representada a parte oriental de França e dos dois mapas do atlas holandês: *Nieuwe Paskaart van de Geheele...* e *Nieuwe Generale Wassende Paskaart van de Bogt...* onde é figurado respectivamente em cada mapa o norte da França e toda a costa ocidental com o Golfo de Biscaia. As áreas mais cartografadas correspondem a sub-conjuntos regionais de França que por vezes incluem áreas de territórios vizinhos. A parte meridional de França é representada em três mapas de fronteira com a Espanha que incluem o Rossilhão (*La Principauté de Catalogne et le Comté de Roussillon...* e os dois mapas de Tomás Lopez); numa mapa de Provença (*Le comté et gouvernement de Provence...*); em dois mapas corográficos de Sardenha e Génova; em *Carte des Alpes entre la mer et le Lac de Genève...* e em *carte general du théâtre de la guerre en Italie*, estando figuradas em ambas a área dos Alpes contígua ao Piemonte e a Suíça. Os mapas de Borgonha, Alsácia, Champanhe e Lorena abrangem todo o território francês situado a leste, enquanto que as cartas *...hollandaise ou première carte de la Meuse...* e *Las Flandes y la Holanda...* contêm algumas áreas do extremo nordeste. Por fim, a Bretanha e a *Vendée* como regiões do noroeste de França são cartografadas em *Tabula Ducatus Britanniae...* e [*Isle de Ré, Isle d' Oleron*]. A escala local também é representada nestes núcleo de mapas, não só através das plantas da costa de Cherbourg e de Paris bem como nas plantas inseridas nas cartas como a de Brest no mapa da Bretanha, as de Mont-Louis e Perpignan na carta de Catalunha e Rossilhão.

Embora todo o espaço francês seja coberto por este conjunto de mapas antigos, desde a escala nacional e regional até à escala local, é a representação cartográfica de áreas fronteiriças que predomina. De facto, são particularmente cartografados nos mapas regionais, territórios conquistados aquando da expansão francesa sob o reinado de Luís XIV e durante a segunda metade do século XVIII no decorrer dos sucessivos conflitos resultantes da guerra de sucessão da Áustria, da Revolução Francesa e do Império Napoleónico. De facto, é a partir do tratado de Munster de 1648, que se dão os sucessivos alargamentos do território francês: a Alsácia em 1648, o Rossilhão e Artois em 1659 e Estrasburgo em 1681. Mais tarde, em 1766, Luís XV herda a Lorena. Após o eclodir da Revolução Francesa, a França entrou em guerra com o resto da Europa para espalhar os princípios universais de liberdade, igualdade e fraternidade, mas sobretudo os ideais republicanos. Os monarcas de Europa preocupados com a conservação das suas soberanias e por solidariedade dinástica, formaram uma coligação monárquica. A morte do rei acaba por desencadear em 1793, conflitos em que a Revolução vence o Antigo Regime Europeu: já em 1792 com a batalha de Valmy, que quebrou a ofensiva da Prússia, em Champanhe e a seguir, em diferentes frentes de combate todas elas situadas nas fronteiras de França, particularmente em toda a parte oriental e nos Pirenéus, lembrando a guerra de Rossilhão em que Portugal participou. A vitória dos revolucionários levou a sucessivas anexações: os Países Baixos Austríacos, a Savóia e Nice em 1792 e a margem esquerda do Reno conquistada neste ano e reocupada em 1795. Acrescentadas à guerra, tensões internas eclodiram em vários pontos de França: já na Primavera de 1789 até ao Outono de 1792, dá-se uma grande agitação social com a revolta dos camponeses contra a nobreza, nomeadamente na região alpina e em Provença, levando então à fuga de príncipes de sangue. No entanto, a emigração nobiliária e eclesiástica, organizada à volta do príncipe de Condé e de Turim, tenta uma contra-revolução em Provença para a evasão do rei, mas sem sucesso. Por outro lado, a guerra da *Vendée*, de 1793 a 1796, reflectindo uma preparação secreta de contra-revolução por parte dos partidários de uma corrente anti-burguesa e anti-urbana. Aproveitando a invasão das tropas estrangeiras nas fronteiras, a *Vendéia* revolta-se contra Paris onde sediava o aparelho revolucionário, responsável pela abolição dos privilégios de nobreza e da separação da igreja e do estado. A contra-revolução encabeçada por uma população camponesa com fortes crenças religiosas e simultaneamente por nobres apoiantes da monarquia, acabou por ser desmantelada. Napoleão na continuação da revolução francesa trava uma série de guerras contra a aliança das monarquias europeias, cujos governadores temiam que as reformas democráticas em França se alastrassem fora das suas fronteiras. É então organizada uma

coligação que visa a derrota dos exércitos napoleónicos e a restauração da nobreza francesa no trono. De facto, após o fim do período revolucionário, as tropas francesas vão ser unidas nas campanhas de conquista da Europa sob o comando de Napoleão. Com o tratado de Luneville duas regiões passam a ser controladas pela França: a área correspondente à actual Bélgica, toda a margem esquerda do Reno e a quase totalidade da Itália. Como tal, estes mapas antigos representam por um lado, as áreas fronteiriças de França onde se deram as batalhas decorrentes das guerras de coligação: a Champanhe com a vitória de Jemmapes; Cherbourg e a Bretanha onde se deram conflitos no litoral com a Inglaterra; a região do Rossilhão e por outro lado, os territórios anexados pelos franceses: a margem esquerda do Reno, os Países Baixos Austríacos e parte da Itália. São igualmente figuradas regiões onde se deram revoltas internas: os Alpes, a Provença e a Vendéia.

Para completar a nossa leitura geográfica, foram escolhidos sete dos mapas à escala regional:

- *Carte des Alpes entre la mer, et le lac de Genève...*
- *L'Alsace divisée en ses 'principales parties...*
- *Comitatus Burgundiae tam in Primarias Ejus Praefecturas...*
- *Tabula Ducatus Britanniae Gallis. Le Gouvernement Général de Bretagne...*
- *Le Gouvernement de Champagne...*
- *Lotharingiae tabula generalis...*
- *Le Comté et Gouvernement de Provence...*

Para obter a cobertura do espaço francês por estes mapas regionais, foram desenhados num mapa de base actual de França os contornos destes mapas correspondentes à delimitação das áreas neles cartografadas. Uma vez figurados os limites do território figurado nos mapas, não se obtém rectângulos correspondentes à forma das folhas dos mapas, mas formas geométricas irregulares como se as próprias cartas tivessem sido esticadas pelos seus extremos.

Esta distorção gráfica deve-se à localização incorrecta dos lugares nestes mapas antigos, derivada da falta de exactidão das medidas das coordenadas geográficas, nomeadamente da longitude. A imagem mais deturpada é a do mapa da Bretanha em que a linha da costa a sul não corresponde em nada à realidade topográfica. No mapa antigo, a Bretanha possui uma configuração bastante alargada no seu extremo noroeste. Os mapas de Champanhe e da Lorena também se apresentam como que esticados nas pontas correspondentes às áreas situadas a nordeste. O posicionamento dos núcleos de povoamento entre si também sofre várias incorrecções. Muitas vilas encontram-se alinhadas como Mayenne, Laval e Angers em Bretanha ao passo que conforme a localização exacta, Angers fica situado muito mais a leste do que Laval. Na *Carte des Alpes...*, Avignon e Sisteron também estão situados à mesma latitude, ao passo que Avignon localiza-se muito mais a sul, verificando-se também o mesmo com o caso de Toulon para Marselha.

Tendo em conta que estes mapas antigos não figuravam com exactidão o contorno das costas litorais, nem o posicionamento absoluto e relativo dos lugares, nem o traçado dos limites internos e externos de uma determinada área, a imagem do território e a informação dadas pelos mapas não eram tão fidedignas quanto era de esperar. A aquisição de vários mapas de uma mesma área tornava-se necessária naquela época para permitir o cruzamento das informações contidas nas cartas e obter com a maior exactidão possível, a localização dos lugares e o desenho das fronteiras terrestres e marítimas, tal como qualquer outra informação cartografada.

## Conclusão

Conservados na Biblioteca Pública Municipal do Porto, estes mapas impressos de França datados do século XVIII constituem imagens cartográficas difundidas na época sem restrições tendo em conta as suas características gráficas, os locais onde foram editados e os seus autores.

Este núcleo cartográfico oferece uma visão geral e pormenorizada do território francês e de determinados fenómenos, prevalecendo a representação dos núcleos de povoamento, das vias de comunicação e dos limites jurídico-administrativos. Esta imagem de França, quer na sua totalidade à escala nacional, quer parcial através dos numerosos mapas regionais, acaba por nos revelar o processo de construção do território num determinado período: os sucessivos alargamentos iniciados no século XVII sob Luís XIV e prosseguidos pelas campanhas napoleónicas.

Terá sido precisamente para inteirar-se destes acontecimentos na sua dimensão espacial que o Visconde de Balsemão, enquanto Ministro dos Negócios Estrangeiros e Ministro do Reino, terá recolhido parte destes mapas

e atlas. Fontes de informação inigualáveis, as representações cartográficas terão sido utilizadas para a discussão estratégica das áreas territoriais, palco de conflitos. A existência de vários mapas figurando um só mesmo espaço sublinha não só a importância deste mesmo, bem como revela igualmente a necessidade de cruzar as fontes cartográficas numa época em que eram do conhecimento geral as inexactidões quanto à localização absoluta e relativa.

Ao longo da sua carreira política, o Visconde de Balsemão terá procurado manter-se informado acerca do que sucedia em França com vista a proteger os interesses de Portugal. Os mapas constituíam uma fonte preciosa de informação e um instrumento de reflexão estratégica e política. Todas as áreas, palco de acontecimentos conflituosos na Europa da segunda metade do século XVIII e de inícios do século XIX, cujo conhecimento era fundamental para a tomada de decisões e acções diplomáticas por parte de Portugal estão como tal representadas neste conjunto de mapas antigos de França.

### Bibliografia

- 5e cours de Cartografia Francesa*, Barcelona, Generalitat de Catalunya, Departament de Política Territorial; Obres Públiques, Institut Cartogràfic de Catalunya, 1996.
- BORALHO, Maria Luísa Malato R., 1999 – *D. Catarina de Lencastre (1749-1824), libreto para uma autora quase esquecida*, Tomo I, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- DUBY, Georges-, 1991 – *Histoire de la France de 1348 à 1852*, Paris, Larousse.
- JACOB, Christian, 1992 – *L'empire des cartes, approche théorique de la cartographie à travers l'histoire*, Paris, Bibliothèque Albin Michel.
- MAGALHÃES, José Calvet de, 1990 – *Breve História Diplomática de Portugal*, Lisboa, Publicações Europa-América.
- MARQUES, Miguel da Silva, 2001 – *Cartografia Antiga. Tabela de equivalências de medidas. Cálculo de escalas e conversões de valores de coordenadas geográficas*. Lisboa, Biblioteca nacional.
- PELLETIER, Monique, 1990 – *La Carte de Cassini, l'extraordinaire aventure de la Carte de France*, Paris, Presses de l'École Nationale des Ponts et Chaussées.
- PELLETIER, Monique, 1999 – *Tours et contours de la terre, itinéraires d'une femme au cœur de la cartographie*, Paris, Presses de l'École Nationale des Ponts et Chaussées.
- PELLETIER, Monique e OZANNE, Henriette, 1995 – *Portraits de la France, les cartes témoins de l'histoire*, Paris, Hachette.
- PICON, Antoine e ROBERT, Jean-Paul, 1999 – *Le dessus des cartes- un Atlas Parisien*, Paris, Picard éditeur, éditions du Pavillon de l' Arsenal.